

Sonhos e conquistas de Samambaia

RICARDO ALMEIDA

CIDADE QUE IMPRESSIONOU A EXECUTIVA DA ONU NEM DE LONGE LEMBRA OS TEMPOS DE ASSENTAMENTO

A Samambaia de hoje não é nem sombra do lugar ermo coberto por centenas de barracos de madeirite de anos atrás. Em quase 12 anos de existência — ela foi oficializada como a XII Região Administrativa do DF em outubro de 1989 —, as mudanças foram significativas.

Chegou a infra-estrutura, foram aperfeiçoados o comércio e os transportes. A cidade planejada que, em seu primeiro ano tinha 5.543 habitantes, hoje abriga 163 mil em 115 quadras residenciais, ou 34.800 lotes.

O desenvolvimento chama a atenção até dos que vêm de fora, como diretora-executiva do Centro das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (Habitat), Ana Tibaijuka, em visita ao Brasil para acompanhar programas habitacionais desenvolvidos e levar os exemplos a governantes do mundo todo.

“Vou contar para o mundo inteiro o que vi em Samambaia”, afirmou a diretora, dizendo-se impressionada com o modelo habitacional criado para a cidade-sa-



MARIA Sila Barbosa, foi uma das primeiras moradoras de Samambaia e agora se alegra com a escolha que fez há 12 anos

télite, menina dos olhos do governador Joaquim Roriz.

De acordo com a Secretária de Desenvolvimento Urbano e Habitação, Ivelise Longhi, que acompanhou a representante do Habitat durante a visita à cidade, foi justamente o desenvolvimento do local num espaço de tempo tão curto o que mais despertou a atenção da executiva. “Ela afirmou não ter visto isso em nenhum outro lugar”, diz a secretária.

Realmente, uma passagem rápida pelo local pode mostrar o aperfeiçoamento desta que é a terceira maior cidade-satélite do DF. “Você não vê mais, por exemplo, aqueles barracos de madeirite que existiam aqui em 1989, quando a cidade efetivamente surgia”, aponta o administrador regional de Samambaia, Edson Pereira Xavier.

Hoje, 85% das residências são de alvenaria. Não tendo como expandir para

os lados, muitas delas são erguidas até um segundo ou terceiro pavimentos. “Os moradores fazem esforços para deixar a cidade cada vez melhor”, afirma o administrador.

Como a maioria dos que lá chegaram quando Samambaia era apenas um esboço (alguns moradores haviam adquirido lotes anos antes e viviam sem nenhuma infra-estrutura), ele tem recordações nítidas dos primeiros momentos da cidade.

Xavier relembra que por lá era só mato. “Tive de capinar o meu terreno para, então, construir um barraco de apenas dois cômodos porque a gente tinha 45 dias para ocupar a área”, afirma.

Com ele, que era um inquilino de fundo de quintal em Ceilândia, vieram outras milhares de pessoas. “Principalmente pessoas das invasões do Ceub, da Boca da Mata, em Taguatinga, e Vila dos Parafusos, próxima ao SIA”, recorda.

Asfalto, telefone, água, luz e esgoto

A primeira família de invasores assentada na cidade foi a da estofadora Maria Sila Feitoza, 40 anos. “Cheguei às 10h do dia 10 de março de 1989”, diz, com precisão. Encontrou por todos os lados do primeiro lote do Conjunto 1, Quadra 603, um descampado sem vizinhos num raio de quilômetros.

“Quando vi aquilo, pensei angustiada, meu Deus, será que vou ter mesmo que viver assim?”, lembra. Na mesma tarde, os companheiros da invasão onde ela vivia, a Boca da Mata, começaram a chegar.

Com ela, vieram o marido, o lanterneiro José Marcos Machado, 36 anos, e os quatro filhos. O menor tinha apenas 15 dias de vida. “Para completar meu desânimo, choveu naquela noite e nós tínhamos só lona para nos proteger”, diz.

Hoje, a vida é outra. A rua onde vive é asfaltada, água, esgoto, luz, telefone são benefícios que possui e que um dia nem acreditou que teria. O quinto filho nasceu na cidade. “Graças a Deus, o tempo daquela dificuldade toda passou, mas serviu para a gente dar valor no que tem porque foi tudo conseguido com muito sofrimento”, diz.